

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS**

**LETRAS LÍNGUA - PORTUGUESA**

**MARIA DAS GRAÇAS VIANA LIMA**

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO UM ESPAÇO DE  
EMPODERAMENTO FEMININO**

**REDENÇÃO**

**2022**

**MARIA DAS GRAÇAS VIANA LIMA**

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO UM ESPAÇO DE  
EMPODERAMENTO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira  
como requisito necessário à obtenção do grau de  
licenciada em Letras Língua - Portuguesa.

Orientadora: Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo

**REDENÇÃO**

**2022**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Lima, Maria Das Graças Viana.

L696e

A educação de jovens e adultos como um espaço de empoderamento feminino / Maria Das Graças Viana Lima. - Redenção, 2022.  
51f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Empoderamento. 3. Mulheres. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 370

---

**MARIA DAS GRAÇAS VIANA LIMA**

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO UM ESPAÇO DE  
EMPODERAMENTO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito necessário para a obtenção do título de licenciado em Letras-Língua Portuguesa.

Aprovado em: 31/01/2022

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo (Orientadora)

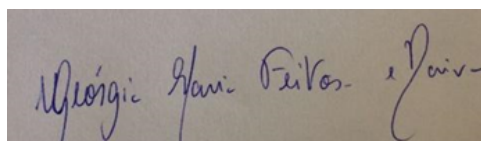
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



---

Prof. Dr. Antonia Suele de Souza Alves (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



---

Profa. Dra. Geórgia Maria Feitosa e Paiva (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

*Dedico esta escrita às minhas queridas alunas da EJA, responsáveis por dar vida e cor ao nascimento deste trabalho, ensinando-me o significado da palavra bravura.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Ao Pai celeste, por me conceder serenidade nesta caminhada.*

*À minha rainha, dona da minha vida, Ofélia, meu ponto de paz.*

*À minha orientadora, Juliana, meu principal pilar.*

*Às minhas lindas alunas da EJA, que contribuíram para o nascimento deste trabalho. Sem elas, nada disso seria possível, com elas, mais aprendi do que ensinei, gratidão.*

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma proposta de ensino realizada especificamente com mulheres estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) a fim de promover o desenvolvimento de empoderamento feminino por meio de oficinas com propostas pensadas com o objetivo de tornar a educação voltada ao presente público, autônoma, independente, emancipatória e pensante. Além disso, através de entrevistas realizadas individualmente, as alunas foram questionadas dialogicamente acerca do impacto causado pelas oficinas, se as impactou e se sim, como. Questionamentos também foram levantados, como: O porquê de suspenderem os estudos bem como a implicação dessa escolha em suas vidas e qual a colaboração escolar e de todo o corpo docente para elas. Por fim, pôde-se constatar por intermédio dos debates desenvolvidos, a participação ativa das alunas enquanto protagonistas, principal propósito das oficinas, tendo seus espaços e ritmos pessoais sempre priorizados e respeitados. As integrantes do grupo conseguiram engajar-se com a dinâmica idealizada para bem contemplá-las, sempre ampliando contribuições externas referentes a seus conhecimentos de mundo de modo a enriquecer as discussões levantadas.

**Palavras- chaves:** Educação de jovens e adultos; educação emancipatória; empoderamento feminino; mulheres.

**ABSTRACT:** This article presents a teaching proposal carried out specifically with female students of the Young and Adult Education (YAE) modality in order to promote the development of female empowerment through workshops with proposals designed with the objective of making education aimed at this public, autonomous, independent, emancipatory and thinking. In addition, through interviews conducted individually, the students were dialogically questioned about the impact caused by the workshops, whether it impacted them, and if so, how. Questions were also raised, such as: Why they suspended their studies as well as the implication of this choice in their lives and what the school and the entire faculty collaboration was for them. Finally, it was possible to verify, through the debates, the active participation of the students as protagonists, the main purpose of the workshops, having their personal spaces and rhythms always prioritized and respected. The group members managed to engage with the dynamics that were idealized to contemplate them well, always expanding external contributions related to their knowledge of the world in order to enrich the discussions raised.

**Keywords:** Youth and adult education; emancipatory education; female empowerment; women.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
BREVE DESCRIÇÃO ACERCA DO PÚBLICO DE JOVENS E ADULTOS.....	12
A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA DO ALUNO DE JOVENS E ADULTOS.....	14
O EMPODERAMENTO FEMININO A PARTIR DA EDUCAÇÃO.....	16
A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR O EMPODERAMENTO FEMININO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA AS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	20
O CAMINHO DA PESQUISA.....	24
1. Procedimentos .....	25
1.1 Público - alvo .....	25
1.2 Escolha dos temas para as oficinas.....	26
1.3 Organização das oficinas.....	26
1.4 Desenvolvimento das entrevistas.....	27
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	29
ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS.....	38
ANÁLISE DAS RESPOSTAS OBTIDAS.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo central trabalhar especificamente com e para as estudantes do Centro de Educação Donaninha Arruda, instituição localizada na cidade de Baturité-Ceará. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), constitui-se como um programa educacional voltado às pessoas que, por motivos individuais, não tiveram a oportunidade de concluir o ensino regular na chamada “idade certa”. A EJA, muitas vezes chamada de “segunda chance”, é uma modalidade de ensino colocada em segundo plano pelas políticas públicas. Conforme apresenta Castro (2019), EJA é uma modalidade de resistência, visto que do ponto de vista histórico, perpassa por inúmeras dificuldades e desafios postos no cotidiano para garantia e legitimidade de direitos educacionais e sociais, muitas vezes (des) legitimados pelas ausências dos governos em cumprir as políticas públicas educacionais, especificamente, as metas 8, 9, 10 e 11 previstas no Plano Nacional de Educação/ PNE (2014-2024). Neste contexto, deparam-se com o chão da escola pública que oferta a modalidade com dificuldades estruturais de ordem administrativa e pedagógica imbricando na falta de professores especializados (EJA), na falta de adequação curricular, na evasão escolar, na desistência e ao mesmo tempo, na persistência dos estudantes jovens, adultos, idosos e trabalhadores que buscam o direito de estudar.

Esta categoria foi criada a fim de erguer a alternativa de retorno ao espaço escolar para que assim, os participantes desta modalidade de ensino tenham a oportunidade e o direito de finalizar o que tiveram que suspender por motivos pessoais. Seguindo este pensamento, é posto salientar as condições educacionais insuficientes direcionadas principalmente aos estudantes de instituições públicas de ensino, uma vez que o privilégio pedagógico deve ser compreendido como prática democrática e libertária. Em frente a este cenário, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é introduzida como uma categoria cujo

---

<sup>1</sup> Graduanda do 9º período do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade da Integração da Lusofonia Afro - Brasileira (UNILAB). Email: gracaviana15@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade da Integração da Lusofonia Afro - Brasileira (UNILAB). Email: jgeorgia.araujo@unilab.edu.br

Artigo científico apresentado ao Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira para obtenção do grau de licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

propósito objetiva contemplar a referida classe pertencente de uma conjuntura social que durante a vida sequer conseguiram começar os estudos ou que tiveram de suspender por tempo indeterminado devido à demandas externas ao espaço educacional, pretendendo valorizar a individualidade, a diversidade, a bagagem trazida por este público bem como a trajetória de vida destes estudantes pertencentes a esta modalidade de ensino.

O público EJA carrega consigo marcas próprias de um processo de evasão escolar que muitas vezes lhes empurram prematuramente para fora do ambiente educacional motivados por várias razões, dentre as quais: gravidez precoce, urgência de obter um emprego a fim de ter um renda extra no lar ou responsabilidades domésticas sobrecarregadas às mulheres, dentre outras particularidades. Dessa forma, ao retornar ao espaço que deixaram há um tempo atrás, é natural que elas enxerguem o ambiente educacional para além de um mero território de aprendizagem mas também como uma nova oportunidade de se obter socialização com outros colegas, um local de compartilhamento de experiências de vida, visando um futuro promissor, a oportunidade de embarcar no mundo do trabalho e também o sonho de fazer uma faculdade posteriormente, dentre outras aspirações.

Pesquisas mostram, como Gomes et al. (2019), que, quando se trata de mulheres, as dificuldades são inúmeras, se consideradas as várias atribuições que exercem, conforme destacado no parágrafo anterior. Pode-se evidenciar ainda a ausência de programas públicos e/ou privados de apoio e incentivo às mulheres para que possam conciliar as atividades educativas com atuação no mercado de trabalho, em especial, após a maternidade.

Há pesquisas anteriores semelhantes que pautaram seus trabalhos em discorrerem acerca do tema, bem como o desenvolvimento de empoderamento feminino com grupos de mulheres pertencentes à Educação de Jovens e Adultos, com discussões relacionadas ao gênero, à mulher, à violência e ao empoderamento em determinadas instituições de ensino que contemplam essa modalidade. Levando em consideração o sexo como principal responsável por levar estudantes a suspender os estudos, cuja presença mulheril é significamente mais presente no espaço EJA pelo motivo de anteriormente não terem tido o suporte necessário para concluir no período regular. Viganò e Laffin (2016) apresentam em seu trabalho que uma das explicações levantadas da relação entre o período de suspensão e o

retorno a este espaço escolar é justificada por meio de marcador de gênero, concluindo que esse argumento é uma das principais influências no ato de evasão escolar.

## **BREVE DESCRIÇÃO ACERCA DO PÚBLICO DE JOVENS E ADULTOS**

Pode-se afirmar que o contexto educacional voltado a contemplar o público da EJA é diversificado no que concerne diversos eixos, sejam eles etários, de gênero, culturais, sociais ou econômicos, em que os alunos pertencentes no presente espaço trazem consigo uma bagagem própria e única, transformando o ambiente em uma rede de relacionamento heterogêneo.

Um agrupamento de adultos é caracterizado por uma grande heterogeneidade. São pessoas com experiências e bagagens distintas provindas das vivências no campo familiar, social e no mundo do trabalho. Há os jovens, os mais jovens – adolescentes os adultos e os mais adultos – a terceira idade. Há negros, brancos, homens, mulheres, católicos, evangélicos, praticantes de religiões de origem africana e etc (Ferreira, sd).

Segundo Ferreira (sd), as salas de aula da EJA, nos dias atuais, são compostas por adultos que não tiveram a oportunidade de estudar, ou por causa do trabalho diário e às vezes até um tanto pesado, em se tratando dos alunos da zona rural principalmente, os impediam de frequentar uma sala de aula do ensino regular e por jovens que também trabalham durante o dia e só tem tempo para estudar à noite. A convivência dentro da sala de aula pode ser favorável aos jovens, pois a sabedoria e as experiências vividas pelos mais velhos podem servir de exemplo podendo até inspirá-los em sua vida estudantil. Alguns desses alunos iniciaram sua vida estudantil na EJA, outros já veem na EJA a oportunidade de continuar seus estudos que, por diversos motivos, tiveram que parar.

O ato de educar jovens e adultos vai além de uma mera produção cognitiva, estes alunos depositam no espaço escolar, para além do ato de aprender, uma esperança quanto ao seu futuro, logo, a missão de fazer a diferença na vida dessas pessoas precisa ser reconhecida. Alfabetizar jovens e adultos é uma preocupação frequente e não se resume unicamente a uma

tarefa escolar, pois está profundamente ligada a sonhos, expectativas de mudança e plenos para o futuro (Ferreira, sd).

Estes alunos, segundo BRASIL, 2006, p.7:

“(…) manifestam encantamento com os procedimentos, com os saberes novos e com as vivências proporcionadas pela escola. Essa atitude de encantamento com o conhecimento é extremamente positiva e precisa ser cultivada e valorizada pelo (a) professor (a) porque representa a porta de entrada para exercitar o raciocínio lógico, a reflexão, a análise, a abstração e, assim construir outro tipo de saber: o conhecimento científico.”

Isto significa dizer que para antes de exercitar o saber disciplinar, é necessário semear nestes alunos sobretudo a análise, reflexão e afins. Por sua própria natureza, ele se configura como um saber reflexivo, pois é um saber da vida vivida, saber amadurecido, fruto da experiência, nascido de valores e princípios éticos, morais já formados, anteriormente, fora da escola. Os conhecimentos que os alunos e alunas da EJA trazem estão diretamente relacionados às suas práticas sociais. Essas práticas norteiam não somente os saberes do dia-a-dia, como também os saberes aprendidos na escola. Assim sendo, a sala de aula acaba se tornando um espaço de intimidades entre eles, pois nesse espaço eles desabafam entre si, podendo socializar suas experiências, relatos, ideias que até podem contribuir para o seu aprendizado, se tornando assim uma troca de experiências, entre eles e o professor, tornando a sala de aula um ambiente agradável, onde eles vão se sentir muito mais à vontade e incentivados a continuarem nessa busca pelo conhecimento, o que para eles é um desafio a ser conquistado (Ferreira, sd).

Os alunos da EJA são, segundo a autora, protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, esses jovens e adultos, que passam a ser vistos como alunos, configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já construídos, cada um com seus princípios éticos e morais, porém, estão ali em busca de um mesmo sonho, com um só objetivo, que é terminar seus estudos e não perderem novamente a oportunidade que não tiveram no passado.

## **A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA DO ALUNO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, esta citação apresentada por Freire (1968) certamente expressa a correlação existente entre professor e aluno que dedica-se a retratar a mutualidade no que concerne à prática educativa quanto à sua finalidade. Segundo o autor, somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “conivência” com o regime opressor. O caminho para um trabalho de libertação a ser realizado pela liderança revolucionária não é a “propaganda libertadora”. Não está no mero ato de “depositar” a crença da liberdade dos oprimidos, pensando conquistar a sua confiança, mas no dialogar com eles.

Para alcançar uma educação libertária e independente, é necessário o amparo bilateral capaz de apresentar o ensino em um exercício correspondente, à vista disso, o propósito foi procurado ser alcançado nas oficinas que foram desenvolvidas ao longo desta pesquisa, em que juntas, mediadora e alunas fossem capazes de praticar e desenvolver contribuições pertinentes, construindo assim, uma aprendizagem recíproca. Desse modo, segundo o escritor libertário:

“Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente. Educador e educandos (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes” (Freire, 1968).

Segundo constata Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos. Dispondo da prática de ensinar e não a de transferir conhecimento. Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Isto

significa dizer que o plano educacional deve ser trabalhado seguindo uma abordagem mútua e igualitária, em que o professor esteja apto a dialogar e ouvir seu público, transformando a aprendizagem em um ciclo bilateral onde ambos consigam se envolver, possibilitando que o aluno se sinta confortável para apresentar suas contribuições, não que esteja presente como mero ouvinte.

Ainda sobre este tópico, Freire (1996) declara que: “O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar”, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência”.

O ensino trabalhado com as mulheres do CEJA Donaninha Arruda foi planejado de modo a destacar o protagonismo oral e escrito das mesmas nos momentos dialógicos semanais e também no decorrer dos dias, trabalhando o pensamento crítico e autônomo por meio das temáticas levadas, “(...) quantos mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso.” (FREIRE, 1996, p.62). Para além disso, o conhecimento de mundo trazido pelas alunas foi uma das prioridades exercitadas, para que todas pudessem se sentir livres para contribuírem com os debates, levando experiências externas se assim quisessem. Consoante a isso, Paulo Freire declara:

“Não é possível o respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiências feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.” (FREIRE, 1996, p.64)

O ideal é que cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação, em que haja o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo. Estas qualidades ou estas virtudes absolutamente indispensáveis à posta em prática deste outro saber fundamental à experiência educativa - saber que devo respeitar à autonomia, à dignidade e à identidade do educando (FREIRE, 1996, p.64).

O propósito desta pesquisa voltado para contemplar estas mulheres, foi abordar uma nova perspectiva de ensino para além do ensino tradicional cognitivo, apresentando o ensino de Língua Portuguesa, trabalhando mais precisamente o trabalho oral e escrito dentro de uma rede de comunicação social entre elas, com conteúdos geradores de comunicabilidade. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar. (FREIRE, 1996).

O educador constata algo que buscou-se empregar nas oficinas desenvolvidas com as alunas do CEJA Donaninha Arruda: a reciprocidade no que concerne o caminho para se obter a aprendizagem, a busca pelo conhecimento mutuamente, em que docente se apresenta também motivado a aprender com seu público discente para além de ensinar. A oportunidade da fala ao ser dirigida ao alunado, lhes dá o benefício de empoderar-se enquanto pessoas autônomas com posições e crenças particulares próprias, sendo esse, o real objetivo nas oficinas ministradas.

Mafra lembra a definição de Freire (1996, apud MAFRA, 2016, p.121): “(...) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (...)”, o que enfatiza a ideia de que o que de fato ocorre no ato educativo é a simultaneidade da aprendizagem e do ensino na docência e na discência, portanto, da do-discência. Por isso, a conectividade é o ato de ensinar do professor e a ação de aprender dos alunos - ou vice-versa - em meio à interação.

À essa dinâmica, Freire (1996) denominou-o como *Dodiscência* (docente+discente), termo determinado para referir-se ao ser docente como uma figura de aprendiz disposto a sempre evoluir com as contribuições e ensinamentos de seus alunos, não somente a ensinar.

## **O EMPODERAMENTO FEMININO A PARTIR DA EDUCAÇÃO**

O termo Empoderamento, *à priori*, foi empregado por movimentos sociais dos Estados Unidos da América, na década de 70, cujo propósito era empenhar-se pela autonomia e liberdade de grupos marginalizados e pelo direito à cidadania de corporações pertencentes à estratos sociais considerados inferiores pelo patriarcado, como negros, mulheres, homossexuais e pessoas com deficiência (BAQUERO, 2012).



Para Romano (2002, p. 12), o empoderamento

“[...] não é algo que pode ser feito a alguém por uma outra pessoa. Nem governo, nem as agências (e nem as ONGs) empoderam as pessoas e as organizações: as pessoas e as organizações se empoderam a si mesmas. O que as políticas e as ações governamentais podem fazer é criar um ambiente favorável ou, opostamente, colocar barreiras ao processo de empoderamento. Seu significado, portanto, equivale a oferecer poder e autonomia a alguém, em que estas pessoas sejam capazes de efetivar suas vozes, opiniões e participações no que lhes convém, seja no contexto econômico, social ou político. Nada nem ninguém pode fazer isso por ninguém, apenas gerar impulsos favoráveis capazes de oferecer um melhor cenário.”

Teixeira (2002, p. 25), concebe-o como “o aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão e dominação social.” Dessa forma, ao ser sinalizada através do empoderamento as condições que principalmente grupos marginalizados são submetidos, os mesmos ao serem instruídos, passam a saber se opor mediante eventuais subalternidades.

Teixeira (2002) destaca, ainda, a noção de empoderamento como a capacidade/habilidade dos sujeitos de atingirem um promissor patamar de entendimento da realidade, além de um controle sobre suas forças pessoais, sociais, econômicas e políticas, em condições de agir visando à melhoria da qualidade de vida. (Silva e Pinheiro, 2016).

Segundo Silva e Pinheiro (2016), o empoderamento pode ser entendido, ainda, como processo e como resultado. Nesse caso, entende-se que ele brota de um processo de ação social em que os “[...] indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social [...]” (BAQUERO, 2012, p. 181).

O processo de ensino empoderador é uma ferramenta utilizada a fim de conscientizar os indivíduos no que concerne a independência de crenças e valores, principalmente no que compete à sociedade marginalizada, tendo o pensamento voltado a soltar as amarras que o sistema autoritário por vezes lhe confina. Para Baquero (2012, p. 181), “conscientizar não significa manipular, conduzir o outro a pensar como eu penso; conscientizar é tomar posse do real, constituindo-se o olhar mais crítico possível da realidade [...]”

De acordo com Silva e Pinheiro (2016),

“A partir do momento em que os sujeitos são percebidos e se percebem no contexto da educação como sujeitos – e não, como meros objetos de educadores autoritários, donos da verdade – passam a ser capazes de perceber sua injusta realidade opressora, sentindo-se instigados a modificá-la.”

Freire (1996), ao propor uma pedagogia voltada para os interesses dos oprimidos, rompe com as posturas autoritárias e conservadoras adotadas pela *educação bancária*, que vê os sujeitos como coisas, como caixas vazias que precisam ser preenchidas com uma série de conteúdos, que deverão ser memorizados e reproduzidos quando necessário.

As mulheres especificamente, que são o grupo pertencente do centro deste debate, sofrem até os dias atuais as marcas de um processo de exclusão acarretado por fatores machistas e sexistas. Portanto, o exercício de empoderamento para estas mulheres, segundo BAQUERO (2012) pode ser entendido como uma ação ou um processo em que o indivíduo toma posse da vida pela interação com os demais, possibilitando mudanças e transformações nas relações sociais. Ou seja, principiando-se por aspectos individuais e fortalecidos no coletivo, este trabalho é composto por “um encontro dos humanos para refletirem sobre sua realidade tal como a fazem e refazem” (FREIRE; SHOR, 1986, p. 123).

Seguindo a perspectiva de ensino voltada a atender às alunas inserindo-as no centro dos debates, como seres empoderadores, HOOKS (1994) destaca a educação como prática de liberdade. Essa rede de compartilhamento, no entanto, deve ser desenvolvida mutuamente para que todas possam se sentirem determinadas a participarem. Frente a isso, a escritora declara: “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo.”

Portanto, a maioria dos professores têm de treinar para estarem abertos em sala de aula, estarem totalmente presentes de mente, corpo e espírito. Os professores que trabalham para transformar o currículo de tal modo que ele não reforce os sistemas de dominação nem reflita mais nenhuma parcialidade são, em geral, os indivíduos mais dispostos a correr os

riscos acarretados pela pedagogia engajada e a fazer de sua prática de ensino um foco de resistência. (HOOKS, 1994).

Para que a proposta de empoderamento feminino trabalhado com essas mulheres pudesse ser efetivada, as temáticas trabalhadas foram pensadas minuciosamente a fim de responder às expectativas delas de acordo com suas realidades sociais. Repensando assim, em novas práticas metodológicas que pudessem ser utilizadas contemplando a todas de modo que elas participassem. Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores - em todos os níveis -, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar (HOOKS,1994). Transformar o espaço em um ambiente democrático, onde todas pudessem ser ouvidas e abraçadas e tornar esses momentos então, em uma rede emancipatória de educação compartilhada foi a prioridade deste trabalho, sendo o professor, apenas o mediador do saber mas o protagonismo totalmente pensado e voltado às participantes.

Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora. O sentimento de comunidade cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une. Idealmente, o que todos nós partilhamos é o desejo de aprender - de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo. Um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual. Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala (HOOKS, 1994).

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora (HOOKS, 1994).

Apoiado nas informações aferidas acima, que a educação bem como os resultados que se esperam alcançar devem ser executados reciprocamente, Freire (1986) juntamente de Ira Shor

em *Medo e Ousadia: O cotidiano do professor* (1986), se unem nesta obra em formato dialógico para debaterem a respeito do termo *empowerment* (empoderamento) em um dos capítulos apresentados.

Os educandos ao se perceberem como sujeitos que entendem e refletem de forma crítica sobre sua realidade de opressão e desvantagem social, econômica e política, anseiam em modificar radicalmente essa opressão. No decorrer desse processo, eles são capazes de notar o poder existente em seu grupo e nas reações externas e assim alcançam os princípios do empoderamento como as lutas de classe social. (Freire & Shor, 1986).

O empoderamento, segundo Freire (1986), não é suficiente para uma transformação social, porém ele é um passo fundamental no processo de transformação social. Sendo assim, as mulheres empoderadas são sujeitos sociais e emancipadas capazes de perceberem, refletirem e interpretarem sua realidade social no sentido de, individual e/ou coletivamente, produzirem mudanças significativas para a construção de uma sociedade mais humana e democrática. (ALVES, OLIVEIRA, 2020).

## **A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR O EMPODERAMENTO FEMININO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA AS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

O público feminino do CEJA Donaninha Arruda é composto em sua maioria por mulheres de diversas idades que já experienciaram o ensino no chamado tempo regular e retornaram tempos depois com novas perspectivas e expectativas de vida, tendo de se adequarem novamente ao sistema de ensino agora com novas prioridades em suas vidas, dentre outras questões. Dessa forma, o trabalho de fazê-las permanecerem e findarem seus estudos sem evadirem mais uma vez deve ser bem planejado, a fim de melhor atendê-las, adequando-se às suas realidades. Ao encontro disso, Freire (1996) declara:

“(...) não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem

explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.

Ou seja, o ensino voltado a essas mulheres não deve resumir-se ao trabalho tradicional no qual todas estão habituadas, mas é imprescindível conhecê-las melhor e efetivar a potencialidade de cada uma das alunas não somente dentro dos muros escolares, mas principalmente fora deles, onde a realidade acontece de fato. Com isso, se faz importante estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquele questionamento em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de *respostas* e perguntas que não foram feitas. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e aluno se assumam *epistemologicamente curiosos*. Nesse sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. (FREIRE, 1996).

Cabe ressaltar as problematizações que pairam acerca das relações e diferenças exercidas entre mulheres e homens e como os preceitos são produzidos por uma cultura patriarcal que busca incessantemente beneficiar homens. Para além de um status biológico, trata-se de determinações sociais e culturais, convenções acerca da naturalização de papéis que designaram poder ao homem e promoveram, como resultado, uma sociedade machista e sexista. Desse modo, a discussão sobre gênero é fundamental para evidenciar os determinismos impostos na sociedade (POGGIO, 2012). Assim sendo, retrata-se que essa construção dos gêneros não é algo que se deve aceitar como natural, logo, é necessário que se questione, pois, esse mecanismo de segregação seja com mulheres, homens, negros, ricos ou pobres apoiem-se na manutenção do “*status quo*, reforçando preconceitos e estereótipos, sustentados por uma suposta determinação biológica” (POGGIO, 2012, p. 93).

Prematuramente, os estereótipos são estruturados no que se refere ao ser feminino e ser masculino. Meninas e rapazes desde a infância são orientados a cumprirem determinados papéis que lhes são designados de acordo com seus sexos, tornando esta tarefa sucessiva ao longo dos anos. “A sujeição de gênero, as desiguais relações de trabalho entre homens e mulheres se traduzem, não apenas na divisão e distribuição de tarefas, mas, sobretudo, nos

critérios que deliberam a hierarquia e importância das funções” (POGGIO, 2012, p. 94) e a cultura impregna de todos os lados, seja por intermédio das mídias, da família ou da literatura, pois a história revela que o patriarcado atravessa a sociedade como um todo (SAFFIOTI, 2013).

No que concerne ao papel social da mulher durante séculos, bem como as práticas sociais estipuladas para elas, foi declarado que sua tarefa era ser “exclusivamente dona de casa e guardiã do lar. E as próprias mulheres, em sua imensa maioria, têm de si próprias uma imagem cujo componente básico é um destino social profundamente determinado pelo sexo” (SAFFIOTI, 2013, p. 57). Isso fez com que a identidade social da mulher, assim como a do homem, fosse construída por meio da atribuição que a sociedade esperava ver ser cumprida pelos diferentes sexos (SAFFIOTI, 1987). Nesse sentido, [...] a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída às mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta. (SAFFIOTI, 1987, p. 08)

Convém destacar nesta discussão, a não finalidade desta pesquisa em centrar-se no debate ideológico sobre gênero, mas cabe discutir sobre as possíveis causas levadas para ter majoritariamente uma forte presença feminina no espaço EJA.

Portanto, verifica-se que a discrepância entre ambos os gêneros, masculino e feminino, é notória em relação a homens que exercem mais oportunidades e privilégios para findarem seus estudos se comparado à mulheres que não usufruem dos mesmos benefícios por razões atravessadas até hoje, ainda marcantes no contexto social. Dessa forma, a EJA se apresenta como um espaço motivador de empoderamento principalmente para as mulheres.

Pensando nisso, as oficinas foram articuladas com uma proposta de ensino diferente do que costuma-se observar, com o objetivo de trabalhar a emancipação de pensamento crítico e obtenção de empoderamento feminino pensadas de uma forma que pudessem atender este público, pondo-as no centro dos debates como principais sujeitos, apresentando uma proposta de ensino de Língua Portuguesa a partir de temáticas sociais pensadas de acordo

com suas realidades e que de alguma forma despertasse o interesse em participar dos debates e que conseqüentemente promovesse a colaboração mútua entre todas e o sentimento de coletividade, pois o trabalho em equipe é imprescindível na construção de uma rede de apoio cooperativo entre as participantes.

As oficinas de Língua Portuguesa com o propósito principal de tornar as participantes as principais protagonistas dos debates foram construídas a partir de uma proposta dialogada, com a finalidade de transformar os momentos com as alunas, em uma troca de saberes em que o conhecimento é construído e não pronto e engessado, como se foi ensinado por bastante tempo. Outro ponto levado em consideração, foi o contexto pandêmico atual, todas as oficinas foram desenvolvidas em formato assíncrono, sendo assim, o projeto teve de ser moldado para esta plataforma midiática a fim de atender da melhor forma possível as necessidades de todas e mantê-las conectadas entre elas e com o projeto do início ao fim. Sabe-se que esta não é uma tarefa fácil, tendo em vista que se trata de um novo método de ensino. Essas mulheres passaram a dividir o espaço educacional com o seus espaços residenciais, onde existem demandas domésticas, existem seus filhos e também existem seus empregos. A crise sanitária impactada pela *COVID-19* que resultou nesse novo modelo de comunicação não pôde não ser constatada como um obstáculo de ensino e de comunicação entre espaço escolar e comunidade estudantil, seu efeito bem como suas conseqüências foram consideradas como prioridade no que compete o eixo educacional e particular de cada uma dessas mulheres, respeitando seus respectivos espaços.

É posto refletir acerca do componente EJA como sendo um grupo social de seres heterogêneos, com faixas etárias, gostos, níveis e preferências distintas. Há alunas que se encontram em graus de aprendizagem diferentes umas das outras devido ao tempo suspenso. Ao passo que algumas têm maior facilidade de se comunicarem oralmente e/ou por meio da escrita, outras são mais acuadas. Dessa forma, o ciclo de oficinas foi pensado para acolher todas de maneira igual, estimulando a todo momento a auto-estima e as suas contribuições de acordo com cada ciclo temático levado através de atividades orais e também escritas.

Para além de ensinar e mediar os assuntos abordados, fez-se necessário principalmente fazê-las se sentirem vivas e no centro dos diálogos, buscando ouvi-las com afeto e empatia, fazendo-as exercitar o protagonismo que por vezes lhes foi roubado e

silenciado, pois se sabe que através desse exercício de ouvir o outro, de fazê-lo se sentir capaz de se expressar, medos e estereótipos são rompidos e estas mulheres são encorajadas, este impulso dado, respinga não só na aprendizagem cognitiva resumida ao espaço escolar, mas também nas suas vidas, dando a elas o incentivo necessário. Este foi o principal propósito do trabalho, fazê-las se sentirem capazes e empoderadas por meio da aprendizagem, seja no espaço educacional ou no espaço social, realizando um processo de escuta sensível, que significa um momento receptivo do ouvinte para com o interlocutor, se mostrando atenta às vivências do público em questão e o que as mesmas tinham a acrescentar.

A escuta sensível, segundo Barbier (2002), acontece durante a avaliação inicial do grupo para diagnosticar suas necessidades, bem como considera os sujeitos de forma holística em suas dimensões física, mental e espiritual. Utilizando essa atividade como ferramenta para aproximar-se a essas mulheres, são despertados sentimentos guardados, fazendo-as se sentirem presentes nos debates, pertencentes ao grupo e consequentemente acolhidas. Assim sendo, foi crucial traçar estratégias de como contribuir na história de vida destas mulheres, cada uma com suas particularidades e carregando consigo uma história de vida diferente. O emprego de empoderamento feminino trabalha, portanto, não só o ensino resumidamente, mas instrui e auxilia essas mulheres no reconhecimento de suas identidades enquanto seres críticos pensantes na busca de suas essências.

## **O CAMINHO DA PESQUISA**

O presente trabalho fundamentou-se por uma abordagem qualitativa, cujo objetivo foi compreender o comportamento das mulheres participantes por meio de oficinas a fim de gerar o exercício de empoderamento feminino e também o comportamento individual dentro de entrevistas posteriores às oficinas, buscando compreender o cenário que o grupo pertencente estava introduzido. Segundo Godoy (1995), os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem, valoriza-se o contato direto e prolongado da pesquisadora com o ambiente e a situação que está sendo estudada.

Segundo Minayo (1995, p.21)



“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 1995, p. 21).

Portanto, as estratégias metodológicas foram organizadas da seguinte forma:

## 1. Procedimentos

### 1.1 Público - alvo

Antes de iniciar as oficinas ministradas, foi criado um grupo virtual com o intuito de aproximar-se das alunas. Dessa forma, a idealização do projeto foi apresentada por meio de um vídeo expositivo via *WhatsApp*, para que as estudantes inscritas do CEJA Donaninha Arruda, espaço educacional localizado na cidade de Baturité, interior do estado do Ceará, pudessem compreender a proposta das oficinas. Também houve um momento direto com as mesmas, através da plataforma *Google Meet*, como forma de aproximar-se previamente delas, apresentando de modo detalhado o intuito do projeto. Os membros superiores da referida instituição abraçaram a ideia e assim ficou firmada uma parceria com a escola, cujo ensino é direcionado especificamente ao público de jovens e adultos.

Depois de apresentada a proposta, houve o momento de inscrições direcionado aos alunos que sentissem interesse em participar dos encontros semanais, apesar de as ofertas não terem sido restringidas por gênero e todo e qualquer aluno pudesse participar, pôde-se constatar a presença massiva de inscrições femininas no ato dos registros, o que foi significativo se considerada a predileção em centrar-se especificamente no dito grupo. As inscrições foram realizadas a partir de um questionário semanas antes das oficinas iniciarem de fato. Obteve-se onze inscrições no total.

A idealização desta proposta foi planejada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e a referida instituição municipal descrita acima, cujo propósito era apresentar um trabalho voluntário em conjunto com os alunos pertencentes ao CEJA que

se interessassem em participar desta ação. O programa foi intitulado como *Projeto EJA - Diálogos*, porém, o enfoque dado no interior desta presente pesquisa foi priorizar o ensino de empoderamento feminino dentro destas oficinas.

## 1.2 Escolha dos temas para as oficinas

Depois de realizado o processo inicial de inscrição, houve o planejamento para a atuação das oficinas, pensadas de forma cuidadosa para bem trabalhar com essas mulheres o exercício de empoderamento feminino, levando temáticas capazes de gerar nas mesmas, interesse em participarem das discussões dialogadas. Os assuntos foram divididos em três eixos temáticos, sendo eles: Empoderamento feminino a partir do estudo de vida e semelhança entre as escritoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo; Um estudo sobre racismo, dividido em: História dos povos Africanos e Indígenas, bem como suas línguas e culturas, Racismo Estrutural e Linguístico, e o racismo apresentado em novelas e músicas; Manifestações como forma de resistência no cotidiano periférico através da arte urbana: Um olhar sobre o grafite e a pichação. Totalizando assim, dez oficinas.

As sessões temáticas ficaram divididas entre dois, três encontros cada, para assim ser possível todas serem trabalhadas detalhadamente.

## 1.3 Organização das oficinas

As oficinas foram planejadas para serem apresentadas nas quartas-feiras às 16 horas, dia e horário compatíveis entre as participantes, através da plataforma *Google Meet*, uma ferramenta digital responsável por auxiliar em contextos remotos de ensino, como ocorreu neste caso. Foram pensadas para os encontros, metodologias dialogadas, com enfoque na exploração de seus conhecimentos de mundo como principal ferramenta, assim podendo exercitar seus protagonismos e formações de opiniões críticas frente aos assuntos que fossem levantados.

#### 1.4 Desenvolvimento das entrevistas

Posterior às oficinas, foi realizada uma espécie de pós-diagnóstico com o objetivo de verificar a relação entre como as alunas participantes entraram e quais foram as impressões deixadas ao findar as oficinas, ou seja, como se deu a participação delas bem como a relação estabelecida frente à temática de empoderamento feminino. Dessa forma, considerou-se imprescindível articular momentos dialógicos individuais com as participantes a fim de verificar os impactos causados e os resultados aos quais elas chegaram nos encontros realizados, a saber seus posicionamentos e as impressões deixadas, se as oficinas puderam contribuir na formação de cada mulher, e se sim, como.

Para além deste momento de pós-diagnóstico, se fez importante também, a necessidade de melhor conhecer as participantes envolvidas por meio de alguns questionamentos externos às oficinas, com o objetivo de melhor entender os fatores que promoveram a evasão escolar das alunas, bem como suas trajetórias de vida, o processo de retorno ao espaço educacional e os impactos desse processo para o desenvolvimento da auto estima das alunas. Esse exercício de conhecimento aprofundado através de entrevistas semi-estruturadas, serve para compreender suas memórias de vida e suas razões no que concerne ao suspense das atividades educacionais.

Como apresentado, as perguntas foram feitas de modo a atender às oficinas realizadas e os fatores acarretados pela evasão escolar das alunas entrevistadas. As perguntas apresentadas foram:

- *Houve algo e/ou algum assunto levado nas oficinas que você gostaria de falar?*
- *Você acha que descobriu algo novo nas oficinas, que nunca tinha parado para refletir antes? Que saiu com outro pensamento em relação a algum assunto que nós trabalhamos ou não?*
- *O que você achou das primeiras oficinas sobre empoderamento feminino? O que você poderia destacar como sendo algo que mais chamou sua atenção?*
- *Para você, qual o poder de ser uma mulher na nossa sociedade atual?*
- *O que você achou da primeira atividade proposta para você escrever uma carta ao seu “eu” do passado?*

- *Como foi a experiência da escrita? De escrever e colocar no papel uma história sua?*
- *Caso se sinta confortável, você poderia falar sobre o porquê de ter suspenso os estudos e não ter conseguido frequentar a escola no tempo regular?*
- *Qual motivo forte fez você voltar à escola? Qual seu objetivo?*
- *Você tem planos para quando terminar os estudos?*
- *Qual a importância da escola para você?*
- *Você sentiu alguma mudança ao voltar à escola? Quais impressões você teve?*
- *Você acha que a escola colabora para o empoderamento feminino? Poderia falar um pouco sobre isso?*

Dando continuidade às entrevistas realizadas, foram elaboradas outras perguntas direcionadas às estudantes, com o propósito de identificar o desenvolvimento da relação entre escola e alunas, a fim de compreender o impacto que o ambiente educacional causa nessas mulheres e se a promoção de empoderamento feminino por parte da presente instituição é praticada e se sim, como, de acordo com seus pontos de vista. As perguntas elaboradas para este momento, foram:

- *O que você acha da metodologia de ensino dos professores?*
- *Eles te impactam positivamente?*
- *Você acha que algo poderia ser diferente ou acrescentado no método dos professores?*

Importante destacar que, quando determinadas perguntas se mostraram incompreensíveis perante as alunas, estas sofreram alterações no momento dialógico oral, de modo que todas pudessem compreender cada questionamento o mais transparente possível.

Desse modo, a conversação foi trabalhada através de entrevistas semi-estruturadas, mediante roteiro pré - elaborado, em momentos espontâneos, porém, a depender do destino que a entrevista pudesse levar e outros questionamentos pudessem surgir, seria indispensável deixá-las livres para falarem até onde se sentissem confortáveis. Foi enviada a cada aluna entrevistada, uma carta de consentimento como forma de convite às perguntas que seriam feitas posteriormente. Importante frisar que nenhuma aluna foi submetida a participar deste

momento, apenas as que se sentissem à vontade. Houve um tempo dado para o presente termo ser lido e posteriormente reconhecido por elas. Ao final, suas assinaturas foram registradas a fim de constar no documento. A ferramenta escolhida para trabalhar esta etapa, foi a plataforma digital *Google Meet*, principal aliada no atual contexto de comunicação remota.

As perguntas foram feitas às três alunas que mostraram disposição em participar. O tempo de duração de cada entrevista variou entre 23 minutos e 32 minutos, a depender de cada uma delas. Os dias e horários de cada entrevista foram marcados de acordo com a disponibilidade de cada uma.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Com o intuito de promover o exercício de empoderamento entre as estudantes, foi formulado um ciclo temático dividido em três etapas por meio de oficinas, buscando gerar uma educação dialógica e sobretudo humanizada. Desse modo, os momentos foram divididos com o objetivo de gerar nos debates semanais com as mulheres, suas opiniões críticas, conhecimentos de mundo e emancipação de pensamento, pondo suas contribuições no centro dos diálogos.

Suas faixas etárias variaram entre dezoito e quarenta e nove anos. Havia três mulheres casadas, sete solteiras e uma divorciada. Apenas uma se considerou branca e o restante, pardas. Os municípios habitados por elas, variaram entre Aracoiaba, Baturité, Redenção e Fortaleza, três cidades vizinhas, respectivamente, e a capital do Estado. Quanto às profissões, havia: uma cuidadora de criança, uma estudante, quatro agricultoras, uma auxiliar de serviços gerais, duas costureiras, uma dona de casa e uma que resumiu-se em responder “nada”. Quanto ao acesso à internet, apenas uma respondeu que utiliza computador e as demais responderam que estudam pelo celular. Por fim, quando questionadas o que esperavam das oficinas ofertadas, as respostas resumidamente foram: “*Mais conhecimento pra vida*”; “*Me especializa no meu futuro acadêmico e adquirir novos conhecimentos para futuramente repassar-los*”; “*Muita coisa boa*”; “*Ter mais conhecimento*”, etc.

Ao ser iniciada propriamente as oficinas, houve um número reduzido de mulheres presentes em comparação com o número significativo no momento de inscrição, totalizando quatro participantes, mas as poucas reunidas comunicavam-se de acordo com suas particularidades e sempre traziam uma contribuição rica e única referente ao assunto discutido. Foi empolgante observar a relação mútua de companheirismo em relação às participantes, sempre ajudando umas às outras, gerando empatia sem ao menos perceberem. Umhas tinham mais facilidade para ligar o microfone e se comunicarem, outras mais tímidas se resumiam a participar através do *chat*. O objetivo de oferecer oficinas a fim de promover o empoderamento feminino nessas mulheres se deu de forma genuína, os encontros tornaram-se um palco solidário, colaborativo e de união. Buscar empoderar essas mulheres e legitimar suas falas é de suma importância pelo fato de terem ficado um período ausentes do espaço educacional, que deve ser um recinto capaz de restabelecer na vida dessas mulheres a ressocialização educacional.

Dentro das dez oficinas trabalhadas, as três descritas abaixo foram as discussões responsáveis por enfatizar os encontros diretamente ligados ao objeto desta pesquisa.

#### OFICINA 01

Esta oficina foi iniciada a partir da história de vida de uma mulher que através de seu legado significativo e empoderador, conseguiu despertar nas alunas uma espécie de semelhança com suas trajetórias ou de conhecidos, houve momentos nos quais espontaneamente, a partir do conteúdo trabalhado, houve estímulo e algumas desejaram falar sobre suas vivências pessoais bem como os motivos que acarretaram à evasão escolar, os incentivos parentais, suas aspirações futuras e a razão do retorno ao ambiente escolar. Foi perguntado em um primeiro momento o que elas entendiam por *empoderamento*, uma aluna supôs que pudesse haver relação com a palavra *poder*, então, pensando nisto, foi apresentado um vídeo de uma mulher chamada dona Vilani, professora autodidata. Seu pai antes de falecer lhe ajudou a ler com oito anos de idade por meio de jornais e revistas, ela as usava para conseguir decodificar as palavras já sozinha. Por falta de emprego na capital cearense, sua terra natal, ela mudou-se para São Paulo. No ato de matrícula de um de seus filhos, o mesmo sugeriu questionar se era possível sua mãe frequentar também o ambiente escolar para assim findar seus estudos, por já ser adulta, ela imaginou que isso não fosse possível,

com insistência de seu filho, dona Vilani matriculou-se juntamente a ele, dividindo a mesma sala, sendo ela a única com aquela faixa etária. Dona Vilani escreveu três livros, um deles de poesia, suas obras literárias ficaram conhecidas pela região e a mesma foi convidada por uma diretora do bairro a ser professora antes mesmo de terminar sua graduação, que posteriormente formou-se em filosofia. Nos fundos de sua residência, ela começou também um trabalho voluntário com crianças e fundou o Centro de Artes e Promoção Social (CAPS). O propósito desta iniciativa é focar nos artistas locais de sua região, localizada no bairro do Grajaú, periferia paulistana, fazendo com que os contribuintes se conheçam, discutam entre si, descubram juntos quais suas necessidades, seus anseios, suas ambições e lutem por elas juntos. Foi considerado de suma importância iniciar os ciclos temáticos com este vídeo, por ser uma trajetória de vida semelhante, capaz de gerar identificação e empatia nas alunas presentes, fazendo com que as mesmas percebessem como existem histórias de vida consoante a delas, elas assim como dona Vilani, conseguiram expressar nesta oficina as conquistas alcançadas por mulheres que passaram pela EJA.

## OFICINA 02

Nesta oficina, foi trabalhado dentro do conto *Maria* da escritora Conceição Evaristo, o tema *racismo*. Antes de iniciar a leitura do conto para assim serem feitas as futuras discussões acerca do mesmo, foi feita uma introdução por meio de questionamentos indagadores atrelados à temática relativa ao seu conteúdo. Como por exemplo: As características apresentadas por Evaristo referentes à protagonista de seu conto, sinalizando antes mesmo da leitura, os atributos da personagem para posteriormente, ser feito a análise da obra como um todo. Dessa forma, o conto foi realizado através de uma leitura compartilhada, em que todas puderam contribuir no ato da leitura com cada partícula da escrita. Este conto, em suma, apresenta a história de uma empregada doméstica pertencente à classe média baixa bem como suas dificuldades vividas, contadas enquanto aguarda a chegada de seu ônibus de volta a sua casa, o final deste conto é tocante e sensível, capaz de despertar a fúria naqueles que o leem pelo final trágico da intérprete. Mesmo sendo apresentado como uma narrativa ficcional, este

conto causou desconforto por parte de algumas alunas pelo fato de ser uma história comumente na realidade também.

Ao ser discutido grupalmente, as alunas se mostraram esclarecidas quanto ao assunto, falavam que era uma realidade presente no plano concreto, não sendo apenas ficção, algumas se mostraram descontentes quanto a essa realidade, expressando o quanto mulheres pretas, pertencentes de bairros periféricos, com condição social inferior, são subjugadas e marginalizadas.

As alunas levaram exemplos corriqueiros para melhor embasar suas falas, como: Pessoas de mesma cor porém com patamares sociais diferentes que se sentem confortáveis em destratar os mais desfavorecidos; Também foi levantado o caso Daiane dos Santos, atuante da área de ginástica anos atrás, que enquanto mulher brasileira preta, foi vítima de racismo nas olimpíadas, onde as demais colegas se recusavam a usar o mesmo toalete que a atleta devido sua cor; Outra aluna expressou descontentamento com a forma que pessoas negras formadas ainda sim são estigmatizadas e têm seu profissionalismo posto em cheque e a partir dessa afirmação, foram debatidos diversos exemplos, como: O estereótipo da mulher negra resumida apenas a escrava do lar, como não tendo direito a estudo e a ocupar os mesmos cargos que homens; Outro fato levantado pelas estudantes foi a instituição de ensino superior UNILAB quando chegou na cidade de Redenção, interior de Fortaleza-Ceará, que causou desconforto em massa na comunidade Redencionista e regiões adjacentes, gerando estranheza e segregação racial entre estudantes africanos e grande parte dos habitantes. A presente Universidade é conhecida por seu ensino integralizado, onde comporta estudantes brasileiros e de países lusófonos. Estes foram alguns dados muito bem levantados pelas alunas e por fim, uma estudante concluiu questionando que as próprias mulheres pertencentes do ciclo de oficinas são essas *Marias*, que em algum momento da vida já sentiram ou sentem na pele esse tipo de preconceito todos os dias, seja pela profissão escolhida, seja pela cor de pele, pelo patamar social, pela roupa optada e etc.

### OFICINA 3



Para finalizar as oficinas, foi realizado um momento mais leve em clima de despedida, em que as alunas tiveram a oportunidade de expressarem seus posicionamentos no que concerne às temáticas levadas, como meio de contribuir com o que pode ser melhorado e dizerem o que mais gostaram e o que mais lhes marcaram. De fato, foi um momento especial para elas apresentarem suas últimas palavras para concluir os encontros.

Como exercício dinâmico que se encaixasse neste momento, foi organizado um sarau de encerramento onde cada uma teve o livre arbítrio de separar um gênero livre para este último encontro inclusive a própria mediadora. Algumas escolheram músicas, outras escolheram poemas, outras escolheram vídeos e afins, dentre alguns: “A poesia e a consciência” de Solano Trindade; “Cota não é esmola” de Bia Ferreira e “Música sobre Racismo” de Douglas Campos. Este foi um momento harmônico e gostoso, elas apresentaram escolhas cujas mensagens iam de encontro com o que foi trabalhado durante o período de oficinas, todas falaram um pouco sobre suas escolhas, agradeceram e se despediram. Foi priorizado, portanto, traçar uma trajetória de mão dupla a todo momento, cujo desenvolvimento foi construído a partir de reciprocidade, afeto, companheirismo e sororidade entre todas, o caminho percorrido obteve um resultado satisfatório.

Em consequente às oficinas destacadas, é importante analisar com seu desfecho pretendido, por fim, o conhecimento rico de mundo trazido por elas, como suas experiências externas atreladas à temática das oficinas levadas se encaixavam e quão notório era observar como as participantes interpretavam e sobretudo compreendiam de forma concisa e madura a ideia e a proposta levada a elas, seus arcabouços críticos e de análise foram bastante colaborativos e enriquecedores. Havia uma aluna que sempre fazia questão de acrescentar entre suas pesquisas externas, seja poema, notícia ou algo do gênero, materiais pesquisados por ela referentes à temática trabalhada naquele momento, e compartilhar com o grupo, sempre expressando-se muito bem oralmente.

Apesar, porém, de as alunas sempre agradecerem ao final de cada encontro pela oficina dada, dizer que gostaram, aprenderam o que foi passado e saírem com novas perspectivas em relação às temáticas, suas participações decaíram consideravelmente em um intervalo de três oficinas, era perceptível que no pouco que elas falavam, eram capazes de contribuir melhor, pois todas tinham sempre comentários a serem tecidos quando levavam

exemplos externos ao que estava sendo trabalhado, com modelos corriqueiros, e como todas tinham uma visão explorada e madura da realidade. Como a finalidade principal era incluí-las no centro dos debates enquanto protagonistas, isso precisava ser mais evidenciado, foi constatado, então, que o retorno não estava sendo suficiente ou como nos primeiros momentos. Analisando a situação, foi percebido que a mediadora estava falando mais que o público-alvo, cedendo um pequeno espaço para suas contribuições. Dessa forma, rapidamente foram articuladas novas estratégias a fim de derrubar uma possível barreira que pudesse estar sendo criada entre as alunas e a mediadora da aprendizagem.

Com o propósito de incluir e colocar as alunas no centro das discussões enquanto protagonistas ativas das oficinas dentro das temáticas discutidas, foram pensadas estratégias metodológicas de articulação com o objetivo de desenvolver práticas ativas de interação com as alunas. Foi um momento de reavaliação no método utilizado ao dirigir-se a elas, analisar o que estava acontecendo e como recuperar suas presenças que eram tão marcantes e faziam tamanha diferença.

A metodologia em um todo foi repensada de forma a atender todas, mas também respeitando suas individualidades, foi percebido que no grupo de *whatsapp* geral todas se mostravam retraídas a falarem em certos momentos, logo, elas passaram a serem procuradas e atendidas em seus números privados. Para fazê-las se sentirem confortáveis a falar, sempre foi buscado tratá-las de modo íntimo de acordo com o espaço que elas forneciam, criando laços afetivos dentro e principalmente fora do espaço online semanal, afinal, um dos principais objetivos do presente trabalho era esse: criar uma rede de compartilhamento, de confiança e crescer em cada mulher participante, o empoderamento feminino capaz de transformá-las em mulheres com pensamentos independentes, promovendo a emancipação crítica no que concerne suas convicções, posições e visões de mundo.

Pensando em novas práticas diante dessa distância dada pelas alunas, as estratégias utilizadas foram reavaliadas e começou-se a trabalhar através do estímulo. Foi organizada uma sequência organizacional para separar adequadamente o momento de fala do mediador e o momento de fala voltado às mulheres, gerando assim, a realização mútua das oficinas. Dessa forma, passaram a ser solicitadas: Pesquisas prévias de acordo com a temática que seria trabalhada na aula seguinte; instigar o conhecimento prévio e/ou de mundo das

participantes nos debates apresentados; Apresentação de slides temáticos e atraentes, abusando de imagens vivas, desviando-se de materiais tradicionais, gerando atenção e dinamismo; Dentro das temáticas trabalhadas, procurou-se levar exemplos que de alguma forma fizessem parte de seus cotidianos, próximos a suas realidades, para que assim houvesse afinidade; Por fim, suas contribuições foram incorporadas a fim de construir um pensamento, elencando os pontos altos de suas falas, promovendo a autonomia das mesmas.

Segundo MASETTO (2003), substituir a ênfase no ensino pela ênfase na aprendizagem enquanto desenvolvimento do empoderamento das mulheres participantes é importante para trabalhar o pensar, o pesquisar, o debate, e por fim, a contribuição coletiva. Trabalhar com metodologias ativas é necessário, produtivo e importante, cuja prioridade é construir a autonomia do alunado. É um exercício auxiliar capaz de transformar os encontros em momentos de conhecimento recíproco, ou seja, ensinando para aprender, cuja finalidade seria conceber práticas capazes de desenvolver nas alunas, sua própria formação de pensamento. Outro ponto visando a participação delas, foi o trabalho que instigasse a motivação de se fazerem presentes e como resultar no êxito interativo, transformando os momentos em um trabalho em equipe entre mediador/professor e receptor/aluna. Uma estudante em particular fez questão de recitar com muito esmero e emoção em um dos encontros, um poema ligado a temática trabalhada em uma das oficinas dadas sobre racismo, no caso.

Dentro das oficinas, foi importante analisar as individualidades que cada mulher carregava, para compreender como trabalhar com cada uma levando em consideração suas limitações, a fim de melhor entender a como lidar com suas barreiras, mas também como conseguir alcançar seus pontos altos para melhor refinar seus desempenhos. Observar com o grupo as metodologias utilizadas para melhor atendê-las e conseqüentemente empoderá-las, foi um exercício satisfatório ao analisar as práticas docentes que davam certo e as que não davam, para que assim fossem repensadas novas execuções, dessa forma, foi buscado investir nos resultados positivos e o que poderia ser acrescentado com o intuito de promover seus empoderamentos e participações efetivas nos encontros. Com o decorrer das oficinas, observou-se que novamente as participantes passaram a se envolverem a partir do estímulo

que foi dado, essa foi uma situação capaz de acender uma lanterna e pensar: Isto deu certo, logo, será aplicado mais vezes.

Trabalhando com o público feminino EJA, práticas metodológicas a fim de empoderá-las, visando a cada dia melhor atendê-las, fica evidente também a responsabilidade de, enquanto futura docente, reinventar-se a cada dia e ter a sensibilidade para melhorar o que pode ser refinado e investir no que teve um bom resultado. Então, este ciclo de oficinas para além de priorizar estas mulheres na busca pelo empoderamento feminino, certamente possibilitou à docente responsável por guiar os encontros, enquanto pesquisadora e futura docente, a oportunidade de reinventar-se e procurar sempre moldar-se para melhor se encaixar às demandas do público-alvo.

Não há como não levar em consideração o contexto pandêmico atual no qual a sociedade está imersa, na luta travada frente a pandemia do *Novo Coronavírus* (COVID - 19), no qual todos tiveram de se adaptar ao novo “normal”, onde as aulas e a comunicabilidade entre professor(a) e aluno(a) passaram a ser desenvolvidas através de uma tela, por meio de apresentações remotas, separando a todos fisicamente. Para estas mulheres que tem uma vida externa ao meio escolar, com companheiros, com filhos, com trabalhos empregatícios e/ou domésticos e tantas outras demandas, supõe-se que a atenção que o sistema de ensino exige, deva ser duplamente conflituosa para as mesmas, sendo assim, pensar em alternativas de ensino efetivas, acabou se tornando uma tarefa duplamente ponderada no momento de planejamento.

Foi desafiador no sentido positivo o processo de montagem deste trabalho, voltado a empoderar e incentivar mulheres de diferentes faixas etárias, que tiveram de suspender os estudos por um período e retornaram tempos depois ao âmbito educacional. Os planejamentos tiveram de ser pensados de modo a atender toda classe estudantil presente, um desafio diário recíproco, pois não só as alunas como também a mediadora, teve de moldar sua metodologia para melhor contemplar as necessidades das alunas, alicerçado por muito planejamento.

As oficinas foram montadas a fim de gerar do começo ao fim, suas participações efetivas, como protagonistas de fato dos momentos semanais. Em alguns encontros houve

desestimulação por parte das participantes, como já dito, e as metodologias usadas até então tiveram que ser repensadas de maneira que a atuação de todas pudesse ser apreciada. Perguntas como: “Como colocar-se enquanto professora de modo que a mediação instigue a contribuição delas?”, foram questionadas em vários momentos. Metodologias que explorassem a estimulação e conhecimento de mundo delas, foi uma das prioridades consideradas do início ao fim deste ciclo.

Em um momento final foi solicitada uma atividade escrita a fim de contemplar os encontros, com o intuito de provocar nessas mulheres uma “viagem” aos seus passados, foi elaborada a seguinte atividade: “Convite à escrita - O que você mulher de hoje, diria para o seu *eu* do passado?”. Para que através do gênero carta, fosse possível trabalhar com elas uma retrospectiva de vida. Ao ser solicitada a tarefa sobre suas vivências pessoais, as alunas mostraram resistência à escrita e ao prazo de entrega. Portanto, foi dado dois meios alternativos para as mesmas contemplarem o presente gênero: através da escrita para quem assim preferisse, ou oralizarem a proposta por meio de áudios via *WhatsApp*, para analisar se o atraso teria relação com problemas de auto estima, receio por problemas de pontuação, acanhamento, etc, e como poderia ser fornecida ajuda a partir dessa hesitação com base nos resultados alcançados. Pelo fato das cartas conterem um material particular e reservado da vida das alunas, estas não serão aqui apresentadas.

Ao final da entrega da atividade proposta, foi constatada uma certa insegurança por parte da atividade escrita solicitada, em que algumas confessaram seus receios mediante erros ortográficos, de pontuação e coerência textual, como sendo um fator responsável por afetar suas auto estimas, se referiam à prática escrita como ainda sendo um dilema, um problema que precisava ser enfrentado, porém, mesmo ainda sendo um obstáculo, as mesmas reconheceram que para obterem um resultado aprimorado, precisavam treinar, pois há um caminho a ser percorrido para obterem êxito. Dito isso, foi constatado em uma aluna em específico, um certo acanhamento acompanhado de insegurança e baixa auto estima dentro das oficinas, apesar de sempre acrescentar contribuições ricas, dentro de suas palavras em certos momentos a mesma notava que havia equivocado-se quanto a erros gramaticais, pedia desculpas e falava que reescreveria novamente e assim fazia. Ainda sobre esta mesma aluna, houve um ponto curioso observado em uma das oficinas dadas, bem como o desenvolvimento

do encontro, que foi a presença de apenas duas mulheres, a mesma aqui citada e outra. Em um dado momento, por motivos pessoais da outra participante, a aula teve de prosseguir apenas com a aluna, que sempre evitou de usar o microfone para se comunicar, resumindo-se apenas a participar pelo *chat*. Neste momento, a aluna viu-se em uma posição protagonista do debate que estava sendo levantado, já que era a única participante presente. Foi um imprevisto inesperado mas ao mesmo tempo recompensador ao assistir a desenvoltura da aluna, envolvendo-se com o debate de modo gracioso. Ela pôde expressar-se, concluir seus pensamentos e contribuir de uma forma que ainda não havia sido observada, então, ao assistir naquele momento em que foi constatado nesta aluna que sempre evitou de falar, a mesma comunicando-se tão bem e sentindo-se confortável, foi um momento encantador, pois ficou claro que ela só precisava daquele instante, daquela oportunidade para envolver-se, coisa que antes ainda não havia executado por timidez e/ou problemas com autoestima.

Verificado isso, sempre era solicitado a ela e às demais, que quando houvesse textos ou algo a ser lido no material da aula, elas lessem cada uma, uma parte, sempre trazendo-as para o centro do debate e fazendo-as participar de modo efetivo, sentindo-se incluídas, apesar de ter tido resistência a princípio por parte dela, houve participação. Uma das alunas deu uma ideia para este momento, o que causou surpresa de modo positivo, pois demonstra o quanto envolvida a aluna estava com as oficinas. Sua ideia foi de todas lerem suas cartas e juntas compartilharem umas com as outras através de suas palavras, um pouco de suas vivências. Seu intuito, involuntariamente ou não, foi uma atitude admirável capaz de gerar o empoderamento através da fala, da escrita, do apoio e do acolhimento, entrelaçando suas histórias em um momento rico por meio dessa rede de compartilhamento.

## **ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS**

Os encontros foram programados para ocorrerem nos dias e horários disponíveis por elas. Antes de iniciar todos os encontros, foi solicitado que o diálogo fosse gravado, todas aceitaram sem nenhum problema quanto a isso. Dentro das conversas com cada uma, foi naturalmente verificada a discrepância entre elas no ato da comunicação, determinadas alunas tiveram menos naturalidade em se comunicarem do que outras, seja por medo de serem julgadas, silenciadas, por problemas com autoestima ou ainda por outras circunstâncias.

Dessa forma, as entrevistas semi-estruturadas foram pautadas e adequadas de acordo com as individualidades de cada uma, de modo a atender todas igualmente. Respeitando ao máximo o espaço de cada uma, fazendo-as se sentirem livres para responderem o que quisessem, como quisessem e principalmente até onde quisessem. De todas as alunas participantes, três se disponibilizaram em realizar a entrevista. Todos os questionamentos feitos, foram os mesmos para todas, porém, claro, com perspectivas diferentes de cada uma.

Como forma de preservar a imagem das alunas, as mesmas foram identificadas pelas letras iniciais de seus nomes.

**N**

A entrevista com a aluna durou cerca de 32 minutos. Foi verificado dentro das oficinas que *N* era a aluna mais tímida de todo o grupo e na entrevista não foi diferente. Antes de dar início, ela declarou que estava nervosa e quando se sente assim, mal consegue se expressar direito. Esse dado se verifica por diversos motivos, seja pela ausência de estímulo ou falta de autoestima em relação a si mesma, como já dito antes. Em alguns momentos, principalmente nas perguntas iniciais sobre os impactos causados pelas oficinas de empoderamento, pairava um silêncio entre uma pergunta e outra e a mesma se detia em responder em poucas palavras, sem encerrar seu raciocínio completamente, dizia que não se recordava bem sobre o conteúdo tratado nas oficinas e dessa forma, ao perceber sua dificuldade diante das perguntas feitas, houve uma atenção especial voltada à aluna para que ela pudesse sentir-se integrada ao máximo com os questionamentos feitos, implementando perguntas externas ao questionário e elaboradas no presente momento, instigando-a para que fosse assim possível conseguir discorrer da forma que queria, usando o resgate memorial do conteúdo trabalhado como forma de auxiliar a aluna.

***Houve algo e/ou algum assunto levado nas oficinas que você gostaria de falar?***

*N* falou sobre o assunto abordado que mais despertou sua atenção, o conto “Maria” da escritora Conceição Evaristo, um dos primeiros materiais trabalhados que aparentemente marcou e permaneceu em seu imaginário, a narrativa apresenta uma história não tão distante

da realidade, o que faz a narrativa parecer tão cruel e realista. O conto fala resumidamente sobre mães solo, pretas e periféricas que cuidam de seus filhos dentro de um contexto social precário de fome, ausência de possibilidades e privilégios, falta de uma figura paterna em casa, dentre outras características. Por existir tantas Marias mundo afora, marginalizadas perante a sociedade por suas cores de pele, pelo local onde moram ou até por exercerem o papel solitário de mães solo, esses marcadores acabam refletindo em muitas mulheres que podem se identificar ou conhecer alguma mulher com a história de vida semelhante à da personagem principal. *N* descreve Maria como uma mulher injustiçada perante a sociedade por conta de sua cor de pele.

***Você acha que descobriu algo novo nas oficinas, que nunca tinha parado para refletir antes? Que saiu com outro pensamento em relação a algum assunto que trabalhamos ou não?***

A aluna pontuou que muitas das problemáticas levadas não eram informações novas ou muito longe do que ela já conhecia ou até vivenciava, mas a forma como os assuntos foram trabalhados ela pôde entender com mais precisão.

***O que você achou das primeiras oficinas sobre empoderamento feminino? O que você poderia destacar como sendo algo que mais chamou sua atenção?***

Ao ser questionada sobre o termo *Empoderamento Feminino* bem como as oficinas que buscaram trabalhar esta temática, a aluna diz que nunca havia ouvido falar na expressão e que estudar sobre, foi uma experiência nova para ela e os assuntos levados foram muito tocantes, fazendo-a refletir sobre seu papel enquanto mulher e como o exerce. Ela ainda finaliza destacando que mesmo não sabendo até aquele momento o significado deste termo técnico, sempre soube o princípio de seu sentido, pois em sua realidade, sempre buscou empoderar-se enquanto mãe e mulher muitas das vezes sozinha, enxergando-se como alguém forte que desde muito nova travou momentos difíceis e delicados em sua vida.

***Para você, qual o poder de ser uma mulher na nossa sociedade atual?***

*N* cita o poder de uma mulher na sociedade atual como sendo diferente dos homens, mas que apesar de tudo devem ser guerreiras, terem força e bastante empenho, pois sem força e saúde mental e física acabam obtendo depressão. É necessário, segundo ela, que nunca abaixem suas cabeças para a opinião alheia, pois para mulher tudo é sempre mais difícil, as



mulheres são sempre mais sobrecarregadas no que compete às funções sociais pois devem trabalhar, cuidar de filho e cuidar do lar.

***O que você achou da primeira atividade proposta para você escrever uma carta ao seu “eu” do passado?***

Sobre a experiência de escrever uma carta para seu “eu” do passado e compartilhar uma história pessoal, a aluna diz que foi um momento doloroso, como se estivesse tocando em uma ferida ainda não tão bem cicatrizada em sua vida, pois seu passado não foi fácil, então ao relembrar o que passou, memórias inevitavelmente foram resgatadas. Apesar deste sentimento, a aluna descreve o momento como também necessário, pois a fez ver que no momento da escrita, estava querendo viver as mesmas coisas de antes e quase cometendo os mesmos erros. Neste momento, a aluna preferiu se deter a estas palavras, não levando adiante que situação seria esta que ela cita. Seu espaço foi respeitado.

***Como foi a experiência da escrita? De escrever e colocar no papel uma história sua?***

Em relação a sua relação com a escrita, a aluna conta que gosta de escrever mas sente vergonha pois segundo ela, não sabe escrever “bem”, não sabe como usar as vírgulas e diz que até seu nome redige errado. Ela justifica, confusa, dizendo que já passou por tantas coisas no passado que não sabe se consegue lembrar bem do que estudou. Declara que antes sabia escrever mas hoje não se lembra de nada e se apresenta triste por isso.

***Caso se sinta confortável, você poderia falar sobre o porquê de ter suspenso os estudos e não ter conseguido frequentar a escola no tempo regular?***

Em relação ao motivo de ter suspenso seus estudos, *N* conta que engravidou e parou no 1º ano do ensino médio devido o meio de transporte que a levava ao colégio ser muito tumultuado e sua gravidez ser de risco. Após o nascimento de seu segundo bebê, *N* diz que sua mãe a transferiu para o CEJA, mas ainda assim não conseguiu permanecer por conta que não havia quem ficasse com seu filho. Sua mãe, única que poderia ficar com seu filho, teve de ir embora e assim não arrumou ninguém mais para ajudar com seus filhos. Ela cita o ensino à distância recorrente da atual pandemia de *COVID-19* como uma oportunidade para finalizar seus estudos por não precisar sair de casa devido aos filhos.

***Qual motivo forte fez você voltar à escola? Qual seu objetivo?***

Ao ser questionada sobre qual motivo a fez retornar ao espaço educacional para além de seu desejo em finalizar os estudos, *N* responde, acanhada, que não quer passar o resto de sua vida limpando o chão dos outros.

***Você tem planos para quando terminar os estudos?***

A aluna planeja terminar os estudos para conseguir um emprego melhor. A entrevistada continua falando que seu sonho maior é ser psicóloga e que planeja fazer muitos cursos.

***Qual a importância da escola para você?***

Sobre a importância da escola em sua vida, ela diz que a instituição ajuda muito com as dificuldades que surgem e estão sempre dispostos a ajudar e com paciência para explicar pois nem sempre consegue compreender o conteúdo em um primeiro momento.

***Você sentiu alguma mudança ao voltar à escola? Quais impressões você teve?***

Ao ser questionada sobre o que mudou em relação ao estudo suspenso anteriormente e o ensino de agora, a aluna diz que antes tinha bastante facilidade em entender os conteúdos, tirava notas boas e que com o tempo, essa habilidade foi se perdendo, ela acredita que seja pelo fato do tempo que passou e depois que teve seus filhos muitas coisas mudaram. Em relação ao seu retorno ao ambiente escolar, a aluna destaca o ensino remoto bem como o impacto causado pelo novo meio de aprendizagem como algo novo, quando a mesma voltou ao espaço de ensino, a pandemia já havia se instalado. Ela diz que prefere a modalidade presencial por conseguir centrar-se apenas àquele momento e em casa por ter que se dividir entre as obrigações que o ensino e o ambiente residencial demanda, como filhos, atividades domésticas e a internet que por vezes apresenta instabilidade, o que acaba prejudicando a aprendizagem, ou seja, há dificuldades encontradas e um embate é detectado nesta situação. Exemplificando, *N* destacou uma situação que aconteceu enquanto fazia uma prova online. Ela diz que seu filho caiu e sofreu um pequeno acidente doméstico e devido ao nervosismo do momento, não conseguiu mais se concentrar em sua prova e acabou obtendo uma nota baixa.

***Você acha que a escola colabora para o empoderamento feminino? Poderia falar um pouco sobre isso?***

Quanto ao impacto que o ensino escolar causa em sua vida, se o espaço contribui na promoção de empoderamento feminino, a aluna pontua que há diferenças de comportamento entre o ensino presencial e virtual, que no espaço online não se sente tão empoderada pois neste formato de ensino há dificuldades encontradas tanto para os alunos quanto para os professores pela alta demanda no atendimento bem como as estratégias a serem trabalhadas a fim de contemplar cada aluno igualitariamente. Por ter muitos alunos a serem atendidos, ela diz que involuntariamente os professores se atentam em atender uns e acabam esquecendo de outros, diferentemente do formato presencial de ensino, onde há uma rede em tempo real de compartilhamento de saberes e que cada um com sua palavra, contribui no processo do outro, então para a aluna, a pandemia acarretou em um distanciamento entre colegas e professores, tornando tudo muito robotizado, fora da realidade e com ausência de contato humano.

***O que você acha da metodologia de ensino dos professores? Eles te impactam positivamente? Você acha que algo poderia ser diferente ou acrescentado no método dos professores?***

Em relação aos professores e seus métodos, a aluna diz que para ela de modo individual é complicado mas que de modo geral não se apresenta assim, justificando sua fala por meio de uma dificuldade de aprendizagem que ela diz ter, que os professores da referida escola se mostram atenciosos e dispostos a sempre ajudar diante de eventuais dificuldades e que não mudaria ou acrescentaria nada de diferente nas metodologias utilizadas pelos mesmos.

**R**

***Houve algo e/ou algum assunto levado nas oficinas que você gostaria de falar? Você acha que descobriu algo novo nas oficinas, que nunca tinha parado para refletir antes? Que saiu com outro pensamento em relação a algum assunto que nós trabalhamos ou não?***

A entrevista realizada com R durou cerca de 22 minutos. Ao ser perguntada sobre as temáticas levadas nas oficinas e sua experiência em estudá-las, R contou que muitos assuntos

levados fizeram ela ver por outra perspectiva determinados temas, coisas que não havia parado para refletir antes, que achava ser de uma forma pois daquele jeito lhe foi ensinado, como por exemplo um dos conteúdos discutidos nas oficinas de racismo: A história do “descobrimento” do Brasil, que na verdade foi uma invasão das colônias Portuguesas. *R* elegeu esta temática como sua preferida, pois segundo ela, é um tema que acontece cotidianamente e se faz ainda muito presente na sociedade.

***O que você achou das primeiras oficinas sobre empoderamento feminino? O que você poderia destacar como sendo algo que mais chamou sua atenção?***

Ainda sobre as oficinas, a estudante cita, com muita simpatia e afago, o livro de Carolina Maria de Jesus, “Quarto de Despejo”, obra que nunca havia ouvido falar antes, recordando muito bem do que o livro se trata. Ela diz ser uma obra muito bem escrita e que a forma como a escritora registrava seu cotidiano, permaneceu e foi respeitada e que retrata uma realidade existente cruel e dura de muitas mulheres. *R* conta com suas palavras que Carolina Maria de Jesus é o modelo de mulher real para tantas outras mulheres, inclusive para si, pois se manteve firme diante de tantas dificuldades em nome principalmente de seus filhos.

***Para você, qual o poder de ser uma mulher na nossa sociedade atual?***

Quando questionada sobre qual o poder de ser mulher na sociedade atual, a aluna responde que é cansativo e ainda muito difícil, que esta classe ainda sofre muito preconceito simplesmente por serem do gênero feminino, que são discriminadas em relação à categoria trabalhista, que mulheres devem lutar o dobro para conseguirem alcançar determinadas posições e ainda assim recebem menos. *R* também pontuou as vestimentas usadas pelas mulheres, em que muitas vezes gera assédio físico e moral e a culpa recai ocasionalmente às mesmas por um erro que não lhes cabe.

***O que você achou da primeira atividade proposta para você escrever uma carta ao seu “eu” do passado?***

Sobre a sensação de escrever uma carta para seu “eu” do passado, *R* declara que foi um momento sensível que trouxe à tona momentos dolorosos vividos que estavam adormecidos e foram despertados e que sempre que são lembrados, machuca de uma forma

como se estivesse revivendo aquele momento ao fazer declarações sobre uma história que não tinha sido apresentada a ninguém antes. A aluna considerou a experiência de registrar sua história como desconfortável, pelas lembranças causadas, mas que ao mesmo tempo lhe dá forças para avaliar o caminho traçado como uma superação obtida em que conseguiu vencer diante de tantos percalços já vividos. Para além de ser uma memória de superação para si, ela classifica sua história como algo que pode servir também para outras mulheres, assim como a história de Carolina Maria de Jesus refletiu em sua vida.

***Como foi a experiência da escrita? De escrever e colocar no papel uma história sua?***

A aluna diz, resumidamente, que não sentiu dificuldades quanto à escrita em si, sem levar em consideração os sentimentos despertados pela atividade, pois adora escrever.

***Caso se sinta confortável, você poderia falar sobre o porquê de ter suspenso os estudos e não ter conseguido frequentar a escola no tempo regular?***

Quando questionada sobre os motivos que a fizeram suspender os estudos no período regular, a aluna diz que começou a trabalhar em casa de família prematuramente, quando tinha 13 anos de idade e apesar de ter tentado conciliar estudo e trabalho, não conseguiu e acabou optando pelo trabalho por precisar arcar com seu sustento. Ela também declara que casou-se jovem, com 15 anos de idade. Para R, esses foram os dois fatores cruciais que acabaram afastando-a do espaço escolar. Já distante do colégio, R teve seu primeiro bebê aos 19 anos, diz que por ter passado por todas estas circunstâncias muito jovem, acabou se tornando uma mulher com inúmeras responsabilidades muito cedo, pulando etapas de sua vida, mas que esses fatores ocasionaram para a maturidade que tem hoje. Ela se mostra arrependida por não ter continuado apesar de não se culpar pelas situações ocorridas, pois foram essenciais em seu processo identitário.

***Qual motivo forte fez você voltar à escola? Qual seu objetivo? Você tem planos para quando terminar os estudos?***

O motivo forte que a fez voltar para o âmbito escolar, foi seu desejo de conseguir finalizar os estudos para ingressar no mercado de trabalho. Quanto à cursar uma graduação, ela diz que é uma possibilidade mas não sua prioridade, pois enquanto houver vida, a idade pouco importa. Ela declara que tem vontade de estudar Direito e futuramente tornar-se

advogada, devido a uma episódio que aconteceu em sua vida há alguns anos atrás que precisou de um serviço de advocacia e não obteve sucesso. Ela fala, comovida, que tem este sonho de um dia poder ajudar pessoas que não têm condições financeiras e que precisam de apoio e assistência jurídica.

***Qual a importância da escola para você?***

Questionada sobre qual a importância da escola em sua vida, a aluna relata que o estudo é imprescindível na vida de qualquer indivíduo, pois para tudo é necessário obter educação e aprendizagem, por se tratar da herança mais especial que os pais podem deixar para seus filhos, inclusive através do conhecimento é possível contribuir para a formação dos mesmos, que precisam de sua ajuda materna para realizarem as suas tarefas escolares. Por fim, ela cita a aprendizagem construída juntamente de seus filhos como uma via de mão dupla onde ela aprende com eles e vice-versa.

***Você sentiu alguma mudança ao voltar à escola? Quais impressões você teve?***

Quanto ao impacto causado em relação aos métodos de ensino do período suspenso para os métodos atuais, *R* declara que a pandemia de *COVID-19* alterou significativamente a sociabilidade e as metodologias utilizadas pelos docentes, ela conta que antes os alunos tinham mais explicações e a dedicação necessária para atender a todos igualmente e o contato físico era um importante fator na contribuição da aprendizagem e agora devem aprender praticamente sozinhos em casa devido ao novo formato de ensino, que não há como aprender da mesma forma de antes. Então para a aluna, a aprendizagem solitária sem a promoção de sociabilidade entre espaço, professor e demais estudantes, foram um dos principais impactos causados ao comparar temporalmente ambos os períodos. No que concerne a jornada dupla em ter de dividir educação e ensino com seu lar, englobando os dois juntos em um só espaço, a aluna fala que conciliar ambos é dificultoso, são hábitos que ela teve que se adequar que antes eram impensáveis, como por exemplo as horas requeridas que os alunos devem passar em frente a um celular ou computador e que ajustar atividades domésticas com atividades curriculares é uma tarefa que requer empenho e paciência.

***Você acha que a escola colabora para o empoderamento feminino? Poderia falar um pouco sobre isso?***

Quanto à atividades, se existem projetos ou momentos voltados ao estímulo e participação das estudantes enquanto alunas mulheres, bem como a promoção efetiva de empoderamento feminino, *R* responde que moderadamente sim mas acrescenta afirmando que em sua opinião se pudesse complementar os métodos, deveria haver mais atividades que incentivassem a participação ativa e crítica de todos, como por exemplo: Momentos que trabalhassem a comunicação entre os alunos a fim de estreitar laços colaborativos de ensino entre eles, não limitando as aulas à atividades tradicionais que ainda são presentes, pois a mesma vê o espaço educacional não como mero ambiente de ensino superficial de disciplinas convencionais, mas também como um espaço de sociabilidade entre pessoas que tiveram de interromper seus estudos por um período. A aluna diz que busca compreender as limitações ainda travadas pelos docentes pois são muitos alunos para dispor de cuidado e atenção.

***O que você acha da metodologia de ensino dos professores? Eles te impactam positivamente? Você acha que algo poderia ser diferente ou acrescentado no método dos professores?***

Por fim, quando questionada acerca da contribuição dos professores da instituição e se os mesmos lhe impactam positivamente, a aluna responde que sim, que de modo geral todos a incentivam a não desistir e destacam todos os estudantes como capazes de findarem seus estudos independentemente de idade.

**L**

A entrevista com a aluna durou cerca de 33 minutos. *L* optou por ligar sua câmera, o diálogo com esta estudante foi o mais duradouro, ela sempre foi muito participativa nas oficinas e exercia fácil aptidão com a oralidade.

***Houve algo e/ou algum assunto levado nas oficinas que você gostaria de falar?***

Ao ser questionada primeiramente sobre o que mais gostou nas oficinas em relação às temáticas trabalhadas, ela pontua sobre o conto “Maria” de Conceição Evaristo, por ser um

conto marcante que retrata a realidade de tantas mulheres que criam seus filhos sozinhas sem amparo de ninguém, ela acrescenta sua fala dizendo que pelo fato de existir e conhecer tantas Marias mundo afora, sentiu uma identificação e afinidade com as adversidades sofridas pela personagem. Ela ainda fala sobre como as temáticas sobre empoderamento feminino ficaram marcadas em sua memória pela força e garra passada pelas mulheres bem como as suas histórias de vida que foram levadas para as oficinas, que mesmo sendo mulheres, não desistiram e lutaram até o fim, tinham força de vontade de vencer, mesmo com tantos desafios e limitações, o que a fez se identificar de certo modo com as temáticas levadas.

***Você acha que descobriu algo novo nas oficinas, que nunca tinha parado para refletir antes? Que saiu com outro pensamento em relação a algum assunto que nós trabalhamos ou não?***

Quando questionada sobre algo debatido nas oficinas que nunca tinha refletido antes, ela diz que para ela foi tudo muito novo, que embora soubesse de algo, muitos pontos foram apresentados com outras perspectivas nunca refletidas antes, o que ela destaca como algo bom que a fez reconsiderar seus conceitos sobre determinadas questões, como por exemplo: A posição ocupada na sociedade pela mulher e como é o desenvolvimento desta posição e a temática racial vista com outros olhos pela aluna, como este conteúdo é retratado em músicas, manchetes, jornais, novelas e afins que muitas vezes passa despercebido por muitas pessoas pelo fato de não se importarem em analisar o teor da mensagem em si, por ser algo tão naturalizado socialmente.

***O que você achou das primeiras oficinas sobre empoderamento feminino? O que você poderia destacar como sendo algo que mais chamou sua atenção?***

Ao lembrar sobre as primeiras oficinas sobre empoderamento feminino, L lembrou com muito afeto do relato de vida de cada aluna sobre sua história de vida. Ela diz o quão bravo é como as mulheres de modo geral estão conseguindo se destacar nem que seja um pouco, dia após dia. A mesma completa falando sobre a rede feminina de apoio que ficou estabelecida nas oficinas, já que foram momentos integrados apenas por mulheres, que para ela foi bastante simbólico vivenciar este laço cooperativo onde cada uma preencheu um



espaço na vida e na história de todas as outras, fortalecendo-se neste emaranhado participativo.

***Para você, qual o poder de ser uma mulher na nossa sociedade atual?***

Sobre o poder de ser uma mulher na sociedade, *L* diz que sente muito orgulho, apesar da discriminação sofrida simplesmente por serem quem são, muitas vezes resumidas e limitadas ao gênero, como por exemplo: O fato de uma mulher não poder ocupar certos cargos ou fazerem certas coisas por consequência de uma reprodução bastante naturalizada, em que mulheres devem exercer certas funções e outras não, funções essas muitas vezes voltadas exclusivamente para homens, e no momento que estas mulheres ocupam posições antes não pensadas para elas, são mal vistas mas que em consequência disto são sinônimos de força e quebras de estereótipos produzidos. Ela ainda completa que na perspectiva patriarcal, o homem as vê como seres limitados ao casamento, à cozinha e à gestação. Que mesmo vivendo no século contemporâneo atual, essas ideias e práticas ainda existem e mulheres são resumidas a essas funções.

***O que você achou da primeira atividade proposta para você escrever uma carta ao seu “eu” do passado?***

Quanto a carta solicitada às alunas para escreverem ao seu “eu” do passado como forma de atividade escrita, *L* declara que foi um momento que mexeu bastante com suas emoções, por um lado ficou triste por reviver determinadas ocasiões de sua vida mas ao mesmo tempo sentiu-se agraciada por analisar sua trajetória e ver a mulher que se tornou com o tempo, a aluna faz uma auto-reflexão sobre como foi difícil mas como também conseguiu superar os percalços vividos. Se ver grata pelas barreiras passadas e pronta para mais entraves que possam surgir, pois se enxerga como uma mulher forte, visto que a vida lhe fez se descobrir assim.

***Como foi a experiência da escrita? De escrever e colocar no papel uma história sua?***

Em relação à experiência de escrever no papel uma história pessoal sobre si, a aluna descreve o momento como terapêutico, que apesar de terem sido momentos complicados, tomaram outros rumos e sua vida conseguiu se alinhar com o tempo, no momento da conversa ela diz que comentou com sua mãe acerca desta atividade e como foi prazeroso pôr

no papel uma vivência guardada em seu imaginário. Com o intuito de respeitar a privacidade da aluna, a mesma optou por guardar sua história e se deteve em falar apenas isso.

***Caso se sinta confortável, você poderia falar sobre o porquê de ter suspenso os estudos e não ter conseguido frequentar a escola no tempo regular?***

Em relação ao motivo que acarretou em sua evasão escolar, a aluna explica que a causa se deu pelo fato de residir em ambiente serrano e na época em que aconteceu tudo, chovia bastante e o caminho percorrido se tornava dificultoso, dessa forma, o transporte escolar responsável por lhe conduzir vinha sofrendo falhas devido ao percurso que acabava se tornando de difícil mobilidade e com isso chegava a faltar até um mês de aula. Com isso, a aluna conta que acabava sendo prejudicada devido a esta ocasião e a consequência deste contratempo no que concerne a ida às aulas resultava com desempenho baixo nas atividades avaliativas. Nas oportunidades posteriores para poder recuperar a baixa atuação, *L* conta que novamente o transporte escolar não estava regulado para se transportar, fazendo-a dessa forma, reprovar. A aluna confessa que este desapontamento a fez ficar descontente com os estudos. Neste intervalo de tempo ela conta que casou, engravidou e seu bebê não resistiu, resultando assim, em uma série de acontecimentos frustrantes, o que a fez se afastar por completo do espaço escolar.

***Qual motivo forte fez você voltar à escola? Qual seu objetivo? Você tem planos para quando terminar os estudos?***

Para além do desejo de concluir seus estudos, *L* diz que planeja cursar uma graduação de pedagogia e refinar seus conhecimentos quanto à educação e ensino, ela ainda conta de sua experiência anterior com o *Programa Brasil Alfabetizado*, onde passou seis anos ensinando em parceria com este projeto. Sua outra aspiração é propiciar orgulho à sua mãe, pois seu maior incentivo é a mesma, dado que o maior sonho da matriarca é ver a filha, *L*, formada, segundo palavras da própria aluna.

***Qual a importância da escola para você?***

Acerca da importância da escola em sua vida, a aluna diz que o ensino é de fundamental importância para seu crescimento, é neste ambiente que desenvolve seu progresso escolar a fim de alcançar propósitos futuros.

***Você sentiu alguma mudança ao voltar à escola? Quais impressões você teve?***

Ainda sobre o espaço educacional, *L* conta acerca das diferenças de ensino do período em que teve de suspender com as metodologias atuais, a aluna diz que sente um contraste muito marcado, tendo em vista que os novos mecanismos de ensino estão sendo trabalhados remotamente e a adaptação a princípio não foi fácil, mas ela conta que a mudança de certa forma foi propícia, considerando o fato de está acompanhando as aulas de sua casa sem precisar se locomover para a instituição escolar. Contudo, a aprendizagem segundo ela, acaba se tornando árdua, pois a falta de comunicação em tempo real com os professores acaba afastando-os e o ensino se torna solitário sem uma troca de ideias e conhecimentos compartilhados. A aluna completa seu ponto de vista falando que a educação se torna mais complexa com a falta de uma aula pessoalmente e sem uma lousa para ilustrar o que está sendo explicado e mesmo procurando os professores a fim de cessar eventuais dúvidas, ela sente que não é a mesma coisa que os momentos presenciais.

Sobre conciliar sua residência e seus estudos devido à pandemia, a aluna diz que para ela não foi um problema, pois consegue separar bem o tempo dedicado para as aulas e o tempo dedicado para as demais funções existentes e completa dizendo que talvez se estivesse no módulo presencial ela não teria essa disponibilidade.

***Você acha que a escola colabora para o empoderamento feminino? Poderia falar um pouco sobre isso?***

No que concerne ao impacto escolar e se o mesmo trabalha o exercício de empoderamento feminino, a aluna declara que sim, que as alunas têm um papel muito importante e que em sala de aula todas desempenham protagonismo e a cada dia ganham mais destaque.

*O que você acha da metodologia de ensino dos professores? Eles te impactam positivamente? Você acha que algo poderia ser diferente ou acrescentado no método dos professores?*

Quando questionada se acrescentaria algo no método de ensino a fim de contemplar ainda mais a classe estudantil, a mesma não teve ressalvas a fazer e acredita que está tudo sendo encaminhado da melhor forma possível pois como tudo está se desenvolvendo remotamente, não há grandes conexões entre escola e alunos, o que para ela torna as práticas metodológicas mais cômodas. Importante frisar que a pandemia bem como as aulas remotas já haviam sido instaladas quando a estudante retornou ao ambiente escolar.

Todavia, a estudante quis levantar uma observação a respeito do ensino de modo geral, como por exemplo a maneira de ensinar as crianças, que todas devem ter a sua importância pois muitos mecanismos de ensino são ensinados equivocadamente, como as cores de pele bem como a forma que elas são passadas em aulas de arte, por exemplo, sempre associando o nude à única cor existente para referir-se às tonalidades corporais, o que é uma questão ultrapassada. Isso claro, instruindo desde a infância, para que as pessoas possam crescer com este pensamento de integração. Outros exemplos foram dados por ela, como: A cor rosa ser estabelecida para meninas e azul para meninos, fazendo os mesmos acharem que essas cores devem ser, respectivamente, as mais aceitáveis para seus gêneros, outro exemplo dado foi o fato de bonecas geralmente terem um modelo físico pré-estabelecido, sendo loiras, magras e de olhos claros, como se só existisse este protótipo na sociedade, excluindo assim, grande parte das alunas que não se identificam como tal.

## **ANÁLISE DAS RESPOSTAS OBTIDAS**

Analisando as respostas dadas pelas alunas, foi perceptível encontrar episódios em comum que de certo modo as une. O exercício de escreverem suas cartas para o “eu” do passado, as deixaram reflexivas e com um sentimento melancólico, foi uma atividade que lhes causou dor mas que ao mesmo tempo foi crucial para se sentirem fortes ao voltar em um época de suas vidas contrastando com a realidade atual e vendo as mulheres que se tornaram. Ao observar o processo de escrita propriamente, sem levar em consideração as sensações

colocadas, verifica-se que umas possuem problemas com auto-estima, insegurança com pontuações e temor do “erro” linguístico, justificando por vezes este impasse com o tempo longínquo deixado anos atrás, fazendo com que tenha perdido suas habilidades de escrita. Já outras não enxergam esta prática com hesitação, complementando, inclusive, que sentem prazer em escrever.

Todas revelam seus passados difíceis e como tais acontecimentos respingaram em suas decisões de suspenderem seus estudos. Gravidez precoce, a necessidade em trabalhar primordialmente e a difícil locomoção para o espaço escolar foram os principais dados declarados por elas. Trata-se aqui, de mulheres que tiveram de abrir mão de seus estudos por situações atreladas mediante o desfavorecimento social que recai principalmente às mesmas, tirando-as desses espaços de direito por falta de amparo público e político, conteúdo aqui já citado no centro desta pesquisa. As próprias estudantes conseguem ter dimensão desta forte divergência de gênero ao afirmarem a discriminação sofrida ainda hoje por esta classe feminina, como mulheres têm de batalhar o dobro para alcançarem determinadas posições, falam acerca da dificuldade em ocupar certos espaços e por apenas nascerem mulheres, devem automaticamente nascerem mais fortes devido à um sistema que naturalmente as desfavorecem tanto.

Outro ponto em comum entre as participantes foi a identificação gerada que ficou estabelecida entre os conteúdos programáticos trabalhados e a realidade das alunas segundo as próprias ou segundo elas, há a ciência de que o livro, o conto e o vídeo passados vão de encontro com a concretude dos fatos reais existentes. Pôde - se observar, além disso, o impacto que a pandemia de *COVID-19* gerou no cotidiano escolar das alunas, umas se viram em uma posição vulnerável diante de tal situação, ao terem de se dividirem entre seus estudos e seus lares bem como suas obrigações diárias, como: Cuidado dos filhos e dos afazeres domésticos, dentre outras ocupações. Para outras, esta ocorrência foi positiva por não precisar se locomover da residência e abandonar o lar para ir à escola, tendo em vista que poder se dedicar aos dois em tempo real é um benefício para si. Ainda sobre esta questão, é possível observar que para elas, os métodos docentes mudaram frente ao novo modelo de ensino remoto, as alunas declararam que a metodologia presencial em relação a virtual é discrepante,

a aprendizagem devido a distância que as separa da instituição de ensino acaba se tornando deficiente no que concerne à clareza ao obter o conhecimento.

Frente às declarações dadas pelas alunas, fez-se de suma importância nesta pesquisa, portanto, desempenhar o empoderamento feminino com estudantes pertencentes da EJA pelo fato de ser um grupo que pertence a uma classe ainda bastante estigmatizada. A função desta pesquisa foi dar a voz que muitas vezes elas não conseguiram ter. Contemplando suas necessidades, fazendo-as se sentirem atuantes e vivas e terem as contribuições validadas. Que o trabalho em prol de uma educação libertadora com ênfase no empoderamento feminino, seja capaz de vislumbrar a valorização da mulher enquanto seres pensantes.

O papel da escola torna-se imprescindível na Educação de Jovens e Adultos, este deve ser um espaço com maiores cuidados, pois são pessoas, neste caso mulheres, que tiveram seus sonhos interrompidos de certa forma, sua função bem como a responsabilidade do educador é ofertar um ensino de qualidade assim como nos demais ensinamentos regulares e não serem rotulados com indiferença.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, foi buscado apresentar por meio de oficinas semanais, uma proposta diferente de socialização educacional através de uma rede de comunicação feminina, salientando como prioridade o exercício de empoderamento feminino dentro dos momentos vividos. As mulheres apresentaram majoritariamente uma participação ativa nos debates discutidos, sempre muito esclarecidas frente à desvantagem social que lhes é configurada, logo, foram apresentadas temáticas para impulsioná-las e evidenciar de modo mais cintilante o que elas já experienciam em suas vidas de modo corriqueiro sem muitas vezes ao menos constatarem.

As estratégias de ensino elaboradas a fim de desempenhar a autonomia bem como contemplar a emancipação libertária, crítica e de pensamento foram resultadas positivamente, as alunas constatarem que puderam assimilar perspectivas jamais paradas para serem refletidas antes e assim sendo, conseguiram finalizar os encontros com um olhar maduro para

certas problemáticas, principalmente no que concerne a participação estigmatizada das mulheres socialmente. Essa certificação foi alcançada não somente por elas, mas também pela mediadora responsável por realizar esta prática metodológica. Foi conferida a atuação determinante das mesmas e o quão as alunas se mostraram engajadas com a idealização da proposta. O grupo composto de apenas quatro alunas em nenhum momento justificou-se como uma condição insuficiente, se levado em consideração os números apresentados, pelo contrário, cada participante, por meio de suas individualidades puderam contribuir e acrescentar as discussões de modo muito característico, houve alunas introspectivas e alunas desinibidas, ambas foram apreciadas de modo que o ensino chegasse igualmente.

O impacto causado pela pandemia de *COVID-19* obviamente foi um fator fulcral nesta pesquisa, tal qual as variadas maneiras de como melhor trabalhar com estas mulheres, tendo em vista o atual cenário pandêmico. Por estarem em uma jornada dupla, tendo de conciliar funções externas à escola e o ensino, estas mulheres conseqüentemente devido ao sistema patriarcal, são mais sobrecarregadas, bem mais que seus companheiros. Assim sendo, este trabalho tratou de mulheres que têm uma vida para além da educação, com demandas, com funções domésticas, com filhos, com empregos e com companheiros, assim sendo, estas circunstâncias foram pensadas de modo que o ensino não excluísse nenhuma, melhor, que todas, juntas, se sentissem atuantes no espaço direcionado aos encontros estabelecidos.

Convém refletir, inclusive, a respeito da desigualdade de gênero, elemento que ficou constatado nas falas das alunas como um forte marcador social responsável por lhes afastar do cenário escolar, mesmo que as mesmas não conseguissem notar como sendo esse um motivo de evasão, justamente por ser uma conjuntura que se encontra naturalizada no habitual destas mulheres muitas vezes. Logo, a determinação do ensino assegurado e igualitário para ambos os sexos é imprescindível.

É posto ressaltar, todavia, os avanços no que concerne às relações sociais, porém, observa-se a notoriedade em relação a estes marcadores, conservados de modo a corresponder com o sistema patriarcal, machista e sexista. “Pode-se afirmar com isso que, atualmente, a EJA tem sido para muitas mulheres uma possibilidade de conquista de

autonomia e emancipação e, do mesmo modo, um caminho para a construção de uma sociedade justa [...]” (POGGIO, 2012, p. 95).

Segundo Vígano e Laffin (sd), constata-se, também, que a EJA se constituiu como uma busca de direitos, de retorno ao que lhes foi retirado, um empoderamento; um “direito universal e indiscriminado de escolarização” (POGGIO, 2012, p. 95). E, ao se retornar ao sentido da palavra empoderamento, depreende-se que se trata de “uma educação para a emancipação, concebida, conforme Freire, como ação cultural para a libertação e pode se constituir em instrumento valioso em projetos e ações direcionadas ao empoderamento dos sujeitos” (BAQUERO, 2012, p. 184).

O trabalho com a finalidade de prosperar nestas mulheres da EJA e também em tantas outras que não puderam participar ou de tantos outros lugares, o empoderamento feminino, deve ser uma atividade corriqueira, há de haver primeiramente políticas voltadas a atender estas mulheres a fim de assegurá-las no espaço educacional, para mulheres especificamente do contexto de EJA, grupo este que atende também a outras demandas, tendo de se dividir entre certas tarefas, pois sabe-se que esta nova ocasião para elas vai além da aprendizagem cognitiva somente, mas também é vista como uma expectativa gerada, uma oportunidade de se alinharem ao que não puderam findar anos mais cedo. Assim sendo, esta incumbência é serviço do Estado, da sociedade e da instituição de ensino, pensar puramente nestas mulheres para que assim, o desempenho empoderador possa ser melhor apreendido nestes espaços e as mesmas possam alcançar a autonomia necessária.

Mesmo o espaço escolar por vezes não conseguindo desempenhar estas questões, é imprescindível destacar sua importância na vida de milhares de mulheres imersas no contexto de EJA, haja vista que esta modalidade de ensino simboliza para muitas delas, um lugar de possibilidades e sonhos.



## REFERÊNCIAS

- ALVES, Sandra Maria Campos. OLIVEIRA, Gisélia Batista de. **As contribuições de Paulo Freire para o empoderamento feminino no campo**. Research, Society and Development, ISSN-e 2525-3409, Vol. 9, N°. 6, 2020.
- BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. **Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual**. Revista Debates, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução por Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. Série Pesquisa em Educação, v.3.
- CASTRO, Ana Cristina de. **Eja e a resistência: Silenciamento, desmonte e ausências das políticas públicas**. 2019.
- FERREIRA\*\*, Núbia Nafaiete Ferraz. **O perfil dos alunos e alunas das educação de Jovens e Adultos: alfabetização e diversidade\***. sd.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. 218 p.
- \_\_\_\_\_, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: O cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 312 p.
- \_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.
- GODOY, A. S. et al. **A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas**. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 4, p. 65-71, 1995.
- GOMES, Enerci Candido. CAMPOS, Maria das Graças. ALZÁS, Teresa CASAS, Luis M. **Causas do abandono escolar de jovens mulheres no Brasil e na Espanha**. Atas CIAIQ2019.
- HOOKS, Bell (1994). **Teaching to transgress. Education as the practice offreedom**. Nova York/Londres: Routledge.
- MAFRA, Jason Ferreira. Paulo Freire um menino conectivo - conhecimento, valores e práxis do educador. São Paulo: BT Acadêmica - Brasília. DF: Liber Livro, 2016.

MASETTO, M. T.; MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

POGGIO, Inês Soares Nunes. **A construção das relações de gênero**. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org). Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. p. 88-101.

ROMANO, Jorge O. **Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza**. In: ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta (Orgs.). Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo. Expressão Popular, 2013.

\_\_\_\_\_. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Lucas Vieira de Lima. PINHEIRO, Maria Rosângela Dias. **O empoderamento como processo de conscientização e os sujeitos da educação**. III CONEDU. sd.

TEIXEIRA, Mirna Barros. **Empoderamento de idosos em grupos de promoção da saúde**. 2002. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Fiocruz, ENSP, Rio de Janeiro, 2002.

VIGANO, Samira de Moraes Maia. LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **A educação de Jovens e Adultos como um espaço de empoderamento das mulheres**. 2016.